

**OS EFEITOS DE SENTIDO NAS TIRAS DE HUMOR SURDO
DO *THAT DEAF GUY*: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS
SOBRE O POVO SURDO**

Vanessa Nascimento dos Santos de Oliveira (UEA)

vndsdo.mla20@uea.edu.br

Claudiana Nair Pothin Narzetti (UEA)

cn.narzetti@gmail.com

RESUMO

O presente artigo aborda uma reflexão sobre a língua de sinais na historicidade da surdez, trazendo essa realidade para o Brasil, com a regulamentação da língua oficial dos surdos residentes no Brasil com o Decreto nº 5.626/2005, estabelecendo os artefatos culturais do povo surdo, que se encontram dentro da comunidade surda que de forma positiva implantam no Brasil nas últimas décadas, desmistificando conotações pejorativas que tentam diminuir os surdos usuários da língua. O sujeito Surdo, através dos teóricos que o embasam, Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2004; 2006), Strobel (2015), tendo como objetivo geral analisar os efeitos de sentido nos discursos presentes nas tiras do “That Deaf Guy”, na qual aborda a desconstrução de ideias preestabelecidas sobre estereótipos e preconceitos contra as pessoas surdas, filhos de surdos e a língua de sinais. O estudo tem como corpus as tiras do “That Deaf Guy”, de Matt e Kay Daigle e como objetivos específicos apresentar os estereótipos, observar as imagens que são criadas através da desconstrução de estereótipos presente nas referidas tiras. A análise dos dados coletados será baseada no referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, com teóricos como Pêcheux (2009), Orlandi (2003), Possenti (2010) entre outros. Dessa forma, a pesquisa busca evidenciar se a desconstrução acaba colaborando para o surgimento de outros estereótipos de ideias preestabelecidas, com sentidos produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução.

Palavras-chave:

Estereótipos. Povo surdo. Análise do Discurso francesa.

ABSTRACT

This article addresses a reflection on sign language in the historicity of deafness, bringing this reality to Brazil, with the regulation of the official language of the deaf residing in Brazil with Decree 5.626/2005, establishing the cultural artifacts of the deaf people, which are within the deaf community that they have positively implanted in Brazil in recent decades, demystifying pejorative connotations that try to reduce deaf language users. The deaf subject, through the theorists behind it, Quadros and Karnopp (2004), Quadros (2004, 2006), Strobel (2015), with the general objective of analyzing the effects of meaning in the present discourses in the strips of “That Deaf Guy”, in which he addresses the deconstruction of pre-established ideas about stereotypes and prejudices against deaf people, children of deaf people and sign language. The study has as corpus the strips of “That Deaf Guy”, by Matt and Kay Daigle and as specific objectives to present the stereotypes, observe the images that are created through the

deconstruction of stereotypes present in those strips. The analysis of the collected data will be based on the theoretical-methodological framework of French Discourse Analysis, with theorists such as Pêcheux (2009), Orlandi (2003), Possenti (2010) among others. In this way, the research seeks to show whether deconstruction ends up contributing to the emergence of other stereotypes of pre-established ideas, with meanings produced in view of the places occupied by the subjects in dialogue.

Keywords:

Stereotypes. People deaf. French discourse analysis.

1. Introdução

O presente trabalho é um recorte de pesquisa de mestrado em andamento intitulada *O Coda nas tiras do That Deaf Guy: uma análise discursiva da construção identitária*, que tem como objetivo geral: analisar a produção de efeitos de sentido nas tiras de humor surdo das tiras do “That Deaf Guy”, bem como a construção discursiva da identidade do *Coda*, uma vez que este pode vivenciar a cultura surda, apresentando a experiência de vida *Coda*, evidenciando realidades do transitar entre duas culturas. Neste artigo, abordamos especificamente os estereótipos sobre o povo surdo e sobre a surdez: é analisada a existência ou não de imagens que tentam ser criadas para a desconstrução dos estereótipos, surgindo outros estereótipos nos discursos do “That Deaf Guy”.

A análise tem como referencial teórico-metodológico, por um lado, a Análise do Discurso francesa, a partir dos trabalhos de Pêcheux (2009), Orlandi (2003) e Possenti (2010) e, por outro, os estudos mais recentes sobre o povo surdo, sua história, cultura e identidade, a partir de Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2004; 2006; 2017) e Strobel (2015).

O *corpus* da pesquisa se constitui de tiras de humor surdo do “That Deaf Guy”, dos autores Matt e Kay Daigle, que foram produzidas de 2010 a 2016 e em 2021. As tiras foram coletadas na página *Surdalidades*, da rede social *Facebook*, em que são traduzidas para o português por tradutores surdos e ouvintes voluntários. Neste artigo, foram analisadas três tiras publicadas entre 2013 e 2015.

A escolha pela temática relativa ao povo surdo e a língua de sinais, na perspectiva familiar, social e política, se deu em razão de sua frequente discussão na comunidade surda, da qual participam as autoras do trabalho, uma delas *Coda*, ou seja, filha ouvinte de pais surdos que tem a língua de sinais como língua natural; como também, pela necessi-

dade, no momento atual, de ampliar o conhecimento sobre as questões discursivas que envolvem os surdos e a surdez. Dessa feita, objetivamos a ampliação do conhecimento a respeito dos mecanismos de produção de identidades surdas em relação aos lugares ocupados pelos sujeitos (como participantes da comunidade surda ou como externos a ela), uma vez que, para a Análise do Discurso, o principal não é o sujeito em si, mas o lugar ideológico do qual se enuncia.

2. Tiras de humor surdo e estereótipos

De acordo com Eagleton (2020, p. 11) que relata em sua obra *Humor*, “o humor e a análise do humor são perfeitamente capazes de co-existir”, algo que se aplica ao fato do analista do discurso saber de que forma o humor acontece, não frustra a expectativa do que é proporcionado no seu arremate.

É observado que muitos são os estudos sobre o humor, mas desprovidos de humor. Muitos desses com o uso de tabelas, gráficos e relatórios de experimentos e alguns tentando trazer uma definição para esse fenômeno. Eagleton (2020) cita o autor Isaac Barrow, relatando que é impossível qualquer definição exaustiva sobre o humor:

Às vezes ele está localizado em uma pergunta maliciosa, uma resposta esportiva, um raciocínio esquisito, uma insinuação sagaz, [...] uma ironia ácida, uma hipérbole robusta, uma metáfora surpreendente, uma reconciliação plausível de contradições, um nonsense aguçado [...] um olhar ou gesto mímico podem se passar por ele [...] Ele é em resumo, uma maneira de falar de modo simples e claro [...] que, por uma rudeza bastante surpreendente de conceito ou expressão, afeta e diverte, transformando o refinamento em maravilha e delícia. (EAGLETON, 2020, p. 12)

As tiras são textos do campo do humor e assemelham-se, em sua estrutura narrativa, às piadas, já que criam no leitor, em seus trechos iniciais, uma expectativa para um desfecho que não se confirma no trecho final. A esse aspecto se atribui a geração do efeito de humor.

Nos modelos sociais preestabelecidos, os estereótipos, que possuem essa característica de marcar a existência de um outro, por ser uma representação social, de valores e concepção. Com isso, o estereótipo pode marcar um padrão de identificação social ou a ligação da existência do outro, com uma certa ideologia expressa com discursos capacitistas.

De acordo com Possenti (2010):

[...] o estereótipo, tal como funciona nas piadas, talvez seja uma forma peculiar de manifestação, nesse gênero particular, do simulacro, tal como foi proposto e descrito por Maingueneau, ou seja, é um efeito necessário da relação interdiscursiva, em especial no caso de tal relação ser polêmica. (POSSENTI, 2010, p. 40)

Atualmente os estudos sobre o humor em Libras tem crescido de forma exponencial. A partir desse processo, as tiras de humor surdo vêm se materializando nas diversas plataformas digitais e impressas. Com isso, essa produção literária do povo surdo e da Comunidade Surda, agrega valor ao fortalecimento da língua de sinais, estimula o conhecimento sobre a cultura surda e estimula os registros na língua. Sobre o humor surdo Sutton-Spencer (2021), define:

O humor surdo é o humor feito pelos surdos, destinado aos surdos ou que trate sobre eles e, muitas vezes, apresentado em Libras. Provém da cultura e da história surda; frequentemente é político, acentuando a relação entre a comunidade surda, minoritária e oprimida, e a comunidade dominante ouvinte, que exerce uma relação de domínio sobre a experiência dos surdos. (SUTTON-SPENCER, 2021, p. 122)

As tiras em análise neste trabalho, apesar de apresentarem os traços estruturais do texto de humor acima citado, apresentam uma característica peculiar: elas não atuam impondo estereótipos a um grupo social, mas combatendo e desconstruindo esse estereótipo.

Assim, as respostas criativas, irônicas de Desmond⁶⁰, que se localizam no desfecho das tiras e são responsáveis pelo efeito de humor, não criam ou reforçam estereótipos, e sim os combatem.

3. *O povo surdo*

As visões sobre os sujeitos surdos, suas línguas de sinais, seus costumes e crenças, foram se modificando ao longo do percurso histórico dos povos surdos, mediante as mudanças das representações da sociedade majoritariamente ouvinte a respeito dos sujeitos surdos. Esses vivenciavam muitas situações de isolamento e preconceitos.

Essas visões sobre os sujeitos surdos, que foram se modificando através de movimentos de lutas, trazendo a surdez como um “ganho”, contribuíram para a sobrevivência física e cultural do povo surdo.

⁶⁰ Personagem de “That deaf guy”.

Perceber a questão cultural no plural, considerando a diversidade de manifestações de grupos culturais das mais diversas naturezas, como as minorias linguísticas, torna o conceito da cultura mais amplo.

Um povo se estabelece por meio da cultura, aproximando e identificando os indivíduos, lhes conferindo um reconhecimento de pertencimento, de identidade.

Então, nesse campo de Estudos Culturais, a cultura é uma ferramenta de transformação, de percepção a forma de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar. Essa nova marca cultural transporta para uma sensação a cultura grupal, ou seja, como ela diferencia os grupos, no que faz imergir “a diferença”. (STROBEL, 2008, p. 18)

Povo surdo é um conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tal como a cultura surda, usam a língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado (Cf. STROBEL, 2006).

Quadros (2001, p. 60) relata que “a cultura surda é multifacetada, é própria do surdo, se apresenta de forma visual onde o pensamento e a linguagem são de ordem visual e por isso é tão difícil de ser compreendida pela cultura ouvinte”.

Desse modo, a partir dos estudos culturais, têm surgido concepções desse sujeito surdo a partir do olhar, e não por meio da audição, considerando-o sujeito político e cultural. Strobel (2008) define o conceito de “cultura surda” como:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 24)

Também a respeito da definição de cultura surda temos a de Strobel (2008, p. 22), conforme a qual “a cultura surda é o jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar. De transformar o mundo de modo a torná-lo habitável”.

4. As tiras do “That Deaf Guy”

As tiras em quadrinhos do “That Deaf Guy”, expressão que pode ser traduzida para o português como “Aquele cara surdo”, são de autoria de Matt Daigle, desenhista norte-americano surdo e Kay Daigle, sua esposa ouvinte, fluente em Língua de Sinais Americana (ASL). Três personagens principais fazem parte da história em quadrinhos: Desmond, design gráfico, surdo e casado com Helen, uma advogada ouvinte e fluente em língua de sinais, que, às vezes, atua como intérprete de língua de sinais, e Cedric, um Coda, filho ouvinte do casal, que percorre entre dois mundos, o mundo ouvinte e o mundo surdo.

As tiras que compõem o *corpus* da pesquisa foram coletadas, como mencionado, na página *Surdalidades*, da rede social *Facebook*. Essas tiras são traduzidas para o português por tradutores surdos e ouvintes voluntários.

5. Efeitos de sentido nas tiras do “That Deaf Guy”

A palavra discurso pode ter inúmeros sentidos. Na Análise do Discurso francesa, aquilo que falamos é determinado por condições sociais, históricas e pela realidade ideológica, pelo lugar que nós ocupamos na estrutura de nossa sociedade. Segundo Souza (2006, p. 21), “compreender a linguagem da perspectiva discursiva é compreendê-la de uma forma particular”.

A Análise do Discurso francesa (AD), surge na década de 60, com o marco inaugural em 1969, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. Conforme Pêcheux e Fuchs (1997), a teoria do discurso foi estruturada a partir da articulação de conceitos de três grandes campos do saber: a Linguística estrutural, o Marxismo e a Psicanálise.

Narzetti (2012, p. 41) esclarece que: “Pêcheux, assim, concebe o processo histórico de constituição das ciências em duas fases: a primeira seria a da produção de seu objeto e ruptura com as representações ideológicas anteriores e a segunda seria a da reprodução metódica de seu objeto, através da experimentação”.

O discurso é o objeto teórico-analítico da Análise do Discurso, compreendido como uma prática de linguagem repleta de movimento, não somente numa perspectiva linguística, mas como um objeto que se

relaciona a determinadas condições de produção, a um contexto social, histórico e ideológico.

Segundo Orlandi (2007, p. 16), “os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística”.

O sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo. Segundo Orlandi (2003, p. 32), o “sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”.

Neste artigo, segue-se a proposta de Orlandi (2006), para quem “não se trata, assim, da historicidade (refletida) no texto, mas da historicidade do texto, isto é, trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos” (ORLANDI, 2006, p. 23).

Para esta análise das tiras de humor “That Deaf Guy”, elegemos a nomenclatura *Sequência Discursiva de Referência* (SDR), proposta por Courtine (2009), para nos referirmos aos trechos das tirinhas.

6. Estereótipo da Língua de Sinais como pantomima

Ao analisarmos a história da língua de sinais, permanecem os discursos de desvalorização desta língua. Sobre isso, Skliar (2005) esclarece: “(...) há uma falta de valorização das línguas de sinais por considerarem elas como pantomima, ou, ainda, um *pidgin* primitivo”.

O uso da língua de sinais para os sujeitos surdos possui grande relevância no cenário atual, como ruptura linguística e comunicativa entre surdos e ouvintes. A identidade dos sujeitos surdos é constituída, em grande parte, pelo uso das línguas de sinais, que são reconhecidamente semelhantes em seus traços principais. Como podemos observar na SDR do *corpus*:

Figura 1: Tirinha 1.



Fonte: rede social facebook: página @surdalidades, 2014.

Assim, temos: SDR 1 – Tirinha 1: “Poderia iluminar aqui?” e SDR 2 – Tirinha 1: “Achei linda a apresentação. Gostei. Onde está sua jarra de gorjeta?”.

Na tira 1, no primeiro quadrinho, observamos Desmond e Helen jantando. Quando o ambiente fica escuro Desmond e Helen ficam surpresos e Desmond pergunta ao garçom se podem iluminar o ambiente (SDR 1), pois os dois conversam através da língua de sinais, uma língua visoespacial. Reafirmando esse tipo de compreensão, Quadros e Karnopp (2004, p. 28) postulam que “(...) a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural”.

No segundo quadrinho, o foco de luz é acendida sob o casal, no texto é fixado a palavra “click”, ficando bem em evidência, se destacando entre as outras mesas. O pedido deles foi atendido e eles conseguem continuar o jantar e a conversa em língua de sinais.

No terceiro quadrinho, há um casal ao lado, que passava perto da mesa e a senhora declara à mesa que achou linda a apresentação, e que, como gostou, gostaria de deixar uma gorjeta, perguntando onde ficava a jarra para depositar o dinheiro (SDR2). Tais afirmações deixam Helen e Desmond perplexos. Podemos observar através dessa tirinha que a visão de alguns sujeitos ainda é estereotipada; veem a língua de sinais como uma língua que desperta sensação de uma dramatização, ou olhares perplexos ao verem uma família constituída de um casal cujo homem é surdo e uma mulher ouvinte.

Na tira 1, os autores Matt e Kay Daigle evidenciam o efeito de sentido produzido nesta tira: a falta de conhecimento sobre a língua de sinais.

6. Estereótipos da visão clínico-patológica dos Surdos

Até hoje, apesar de séculos, a imagem do surdo é ligada à visão clínico-patológica da surdez como doença ou deficiência:

Muito se pode pensar sobre ela, definindo-a como uma cultura superficial, sem valores, uma cópia malfeita das manifestações culturais dos ouvintes, sem artefatos culturais. [...] A cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é o seu revés. Não é uma cultura patológica. (SKLIAR, 1998, p. 28)

O histórico do sujeito surdo restrito a este lugar está na memória coletiva, sendo reatualizado a todo instante, como podemos observar no seguinte recorte do *corpus*:

Figura 2: Tirinha 2.



Fonte: Rede Social Facebook: Página @surdalidades, 2015.

Aqui, temos: SDR 1 – Tirinha 2: “Com licença você sabe se o avião já decolou?”, SDR 2 – Tirinha 2: “Me desculpe não consigo entender do que você está falando... Sou surdo.” e SDR 3 – Tirinha 2: “O quê não entendi.. Oh você é surdo?”, SDR 4 – Tirinha 2: “Sim sou surdo” e SDR 5 – Tirinha 2: “AFF... ainda não te escuto... mas posso ver claramente suas amígdalas.

Na tira 2, no primeiro quadrinho um homem pergunta ao Desmond se ele já sabe que o avião decolou (SDR1).

No segundo quadrinho, Desmond tenta explicar ao homem, em língua de sinais, que ele não o estava entendendo, pois não o compreendia através da oralização (SDR2). Lane (1992, p. 23) afirma que “no estereótipo do ouvinte, a surdez representa a falta e não a presença de algo. O silêncio é sinônimo de vácuo”. Sobre isso, Perlin (1998) relata:

[...] dentro das comunidades surdas se diferenciam a simples incapacidade de ouvir e a autoidentificação dos sujeitos como surdos. O grau de perda auditiva importa relativamente pouco. O que é importante, e o que é considerado como evidência básica para pertencer ao grupo dentro da comunidade identificada, é o uso de comunicação visual, não essencialmente a

língua de sinais, mas a constituição de signos visuais na comunicação.
(PERLIN, 1998, p. 15)

No terceiro quadrinho, o homem espantado, uso do ‘Oh’, retrucou Desmond e perguntou se por acaso ele era surdo (SDR3). Ainda no terceiro quadrinho, Desmond responde que sim de forma bem direta (SDR4). Há os que possuem outro olhar sobre o sujeito surdo e a língua de sinais, o que difere do homem que não observa os surdos como sujeitos normais que usam uma língua de natureza visual-motora.

No quarto quadrinho, o homem começa a gritar na tentativa de fazer com que o Desmond entendesse a pergunta feita anteriormente. Então Desmond tenta explicar novamente para o rapaz que apesar de não escutar, pois é surdo, consegue ver as amígdalas dele, tamanha extensão da abertura da boca para gritar (SDR5). Sobre isso, Gesser (2009, p. 22) esclarece: “Os surdos são fisicamente e psicologicamente normais: aqueles que têm o seu aparato vocal intacto (que nada tem a ver com a perda auditiva) podem ser oralizados e falar a língua oral, se assim desejarem.”

7. Estereótipo do surdo como incapaz

Os sujeitos surdos, no começo da história ocidental eram considerados inferiores, segundo a visão clínico-patológica. Eram definidos como incapazes intelectualmente e por isso eram trancafiados em asilos. Posteriormente, na visão socioantropológica, os surdos passam a ser considerados membros de uma minoria linguística, dotados de uma cultura própria.

Dentro do grupo majoritário, os grupos minoritários, como os usuários da língua de sinais, não somente possuem identidade, no caso a identidade surda, como ela é heterogênea, conforme descreve Strobel (2008, p. 22): “As identidades são múltiplas e multifacetadas, podendo ser definidas em vários grupos”. Os sujeitos surdos usam a língua de sinais e circulam em diversos espaços que colaboraram com a sua identidade surda, compartilhando os diversos artefatos da cultura surda com experiências visuais.

Como podemos observar na tira abaixo:

Figura 3: Tirinha 3.



Fonte: Rede Social Facebook: Página @surdalidades, 2013.

Aqui, temos: *SDR 1* – Tirinha 3: “Você é surdo? Oh, que pena. e *SDR 2* – Tirinha 3: “Mas eu admiro você ter se casado com um portador de deficiência”.

Na tira 3, no primeiro quadrinho, Desmond está com sua esposa Helen, aguardando a garçonete para fazer o pedido. Para fazer o pedido à garçonete, Cedric utiliza a voz. Bastante surpresa, a garçonete pergunta a Desmond, se ele não pode escutar (*SDR 1*). Desmond e Helen ficam constrangidos. Trata-se de um efeito metafórico (PÊCHEUX, 2009) entre os significantes “ouvinte” e “normal”, correlato ao efeito metafórico entre os significantes “surdo” e “portador de deficiência”, que marca o discurso dos ouvintes sobre o povo surdo.

No segundo quadrinho, a garçonete fala para Helen que a admira por ter se casado com um *portador de deficiência* (*SDR 2*). De repente a expressão facial e corporal da Helen se transformam ao receber esse comentário da garçonete. Além de usar o termo incorreto, a garçonete sente pena por Desmond ter nascido surdo. Ela não sabe que não há nada de negativo nele em ser um homem, marido surdo, pois ele experiencia a surdez como ganho e não como uma perda de um dos cinco sentidos.

Existe o humor que explora alguns aspectos das palavras. Na tirinha 3, esperamos que a expressão “portador de deficiência” tenha um sentido, mas ela acaba, ao final, apresentando outro sentido.

Ao longo dessa tirinha 3, podemos observar que os autores Matt e Kay Daigle trazem o efeito de sentido de humor. Se a garçonete sinalizasse em língua de sinais, ela poderia perguntar ao Desmond o pedido dele e de sua esposa, e também se estabeleceria a desmistificação sobre relacionamentos entre ouvintes e surdos e seus estreitamentos.

8. Considerações finais

A partir de tudo o que foi apresentado, nota-se que as tiras de humor do “That Deaf Guy” fazem mais do que apenas trazer diversão para os seus leitores. De acordo com Possenti (2010, p. 27), “os textos humorísticos, embora, evidentemente, não sejam sempre ‘referenciais’, guardam algum tipo de relação (a ser explicitada, já que humor não é Sociologia nem História) com os diversos tipos de acontecimento”.

As tiras de humor analisadas evidenciam estereótipos que são reproduzidos no discurso de sujeitos ouvintes que se deparam com os sujeitos surdos. Os surdos e seus familiares rejeitam esses discursos, que possuem mais prevalência na sociedade, de forma a questionar, rebater e mostrar os direitos e a atuação dos surdos, que têm as suas identidades singulares em relação à identidade dos ouvintes.

Portanto, nas tiras de humor do “That Deaf Guy”, alguns estereótipos são questionados e contrapostos pelo Coda, filho bilíngue bimodal, que convive com duas línguas: uma oral e outra visual-motora, cujo pai é surdo e cuja mãe é ouvinte. As tiras atuam na desconstrução de representações ideológicas historicamente dominantes acerca do povo surdo. O sujeito Coda ganha destaque nas tiras levando em conta a sua condição de, ao mesmo tempo, ter audição e partilhar de elementos culturais ouvintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Lucinda F. *et al.* (Org.). *Língua Brasileira de Sinais*. In: Brasil, SEESP, v. 3. Brasília, 1998.

COURTINE, Jean-Jaques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

SKLIAR, Carlos (Org). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. (Org). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LANE, Harlan. *Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

NARZETTI, Claudiana. *O percurso das ideias do Círculo de Bakhtin na Análise do discurso francesa*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Linguística de Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012. 262f. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/2571.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas-SP: UNICAMP, 1997.

_____; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 2009.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 163-252

PERLIN, Gladis. *Histórias de vida surda: identidades em questão*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____; MIRANDA, Wilson. Surdos: o Narrar e a Política. *Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos*, n. 5, p. 217-26, Florianópolis, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUZA, Sérgio Freire. *Conhecendo a Análise do Discurso: Linguagem, Sociedade e Ideologia*. Manaus: Valer, 2006.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

SURDALIDADES. *Mais uma tirinha de “That Deaf Guy”*, 16 dez. 2014. Facebook: @surdalidades. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/1017443134954939/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2022.

_____. *Ignorância?*, 18 nov. 2015. Facebook: @surdalidades. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/938317256200861/?type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2022.

_____. *É bem triste mesmo quando aqueles que não sabem ou “nem conhecem” as línguas de sinais*, 1 jun. 2013. Facebook: @surdalidades. Disponível em: <https://www.facebook.com/surdalidades/photos/a.354534317912494/585009468198310/?-type=3&theater>. Acesso em: 10 jun. 2022.